



A INTERFACE ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: a experiência da Rádio Rural de Santarém¹

Rosa Luciana Pereira RODRIGUES²
Universidade Federal do Pará, Belém-PA

RESUMO

Como outras regiões do Brasil, a Amazônia é palco de experiências de educação a partir de processos comunicativos da mídia rádio. Neste artigo, busca-se compreender o processo de comunicação desenvolvido pela Rádio Rural de Santarém, na região Oeste do Pará, a partir de duas iniciativas que reúnem os campos da educação e da comunicação num processo de interface: *Aulas Radiofônicas do MEB* e *Projeto Rádio pela Educação*. São apresentadas algumas características do rádio e sua história com a educação no contexto brasileiro, reflexões sobre a interface entre os dois campos e descrição das experiências da Rádio Rural de Santarém, abordando aspectos relevantes que envolvem a utilização do rádio como estratégia de educação na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; educomunicação; Amazônia

INTRODUÇÃO

Nas dimensões gigantescas da Amazônia, seja nos aspectos dos recursos naturais ou quanto à riqueza de suas culturas, falar em estratégias midiáticas requer uma observação refinada a partir das peculiaridades da região. “A Amazônia é, sobretudo, diversidade”, como diz Gonçalves (2010, p. 9). Ele afirma, inclusive, que é um “desafio à inteligência” (idem) conviver com toda essa diversidade: áreas de várzea, de terra firme, dos rios de águas claras, dos rios de águas escuras, das comunidades rurais, dos ambientes urbanos, entre tantos outros aspectos.

O olhar para essa diversidade deve nortear os estudos sobre os variados fenômenos que envolvem a Amazônia. Um deles é a comunicação que, neste trabalho, é observada a partir da utilização de um meio bem popular como instrumento de educação. Trata-se do rádio que, no contexto amazônico, encontra terreno fértil para expandir seu modo próprio de interação com os interlocutores, apresentando linguagem simples e direta.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará; email: rosalu29@gmail.com



Valendo-se das características dessa mídia, a diocese de Santarém, situada na região Oeste do Estado do Pará, fundou a Rádio Rural de Santarém, tendo como propósito a educação pelo rádio. Primeiramente, desenvolveu as Aulas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base – MEB, promovendo alfabetização de jovens e adultos, além de formação cidadã, entre as décadas de 1960 e 1980.

No final dos anos 90, a emissora criou o Rádio pela Educação, projeto voltado para crianças e adolescentes, tendo como principal instrumento um programa educativo pelo rádio, direcionado a alunos do ensino básico. Esta ação, que também motiva a criação de rádios internas em escolas, continua sendo executada, inclusive, com experiências em outros municípios próximos a Santarém.

Neste artigo, busca-se refletir sobre as práticas educativas desenvolvidas pela Rádio Rural a partir dessas iniciativas que aproximam as áreas da comunicação e da educação. Para tanto, são apresentadas características do rádio e seu aspecto educativo no contexto brasileiro, reflexões sobre a interface entre comunicação e educação e a descrição das experiências da Rádio Rural de Santarém, buscando compreender os aspectos relevantes que envolvem a utilização do rádio no conjunto de práticas educacionais na Amazônia.

1. O RÁDIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Os avanços tecnológicos nas áreas da comunicação e da informação não tiraram a mídia rádio do seu espaço popularizado. Mesmo com as inovações da internet e de outras tecnologias de comunicação, nas quais as pessoas estão cada vez mais conectadas, o rádio continua num espaço privilegiado, “alcança 96% do território nacional, a maior cobertura entre todos os meios de comunicação, com público aproximado de noventa milhões de ouvintes” (JUNG, 2007, p. 29).

Essa resistência pode estar relacionada às características deste meio de comunicação. Com base em um material produzido pelo Serviço à Pastoral da Comunicação - SEPAC (2003), apresenta-se como características marcantes do rádio: a *sensorialidade* - capacidade desse meio de despertar a imaginação do ouvinte, dando a este a liberdade para criar imagens a partir do que ouve; a *abrangência* - o rádio chega a muitas pessoas ao mesmo tempo e sem muitas complicações tecnológicas; o *regionalismo* - marca pela divulgação de informações locais, dinamizando a relação entre o meio e a comunidade; a *intimidade* - o locutor fala a cada ouvinte, individualmente, mesmo que muitos o estejam ouvindo.

Pode-se dizer que o rádio perdeu o lugar privilegiado na sala das residências, onde as famílias se juntavam para ouvir os noticiários, as músicas ou as radionovelas, mas hoje ele está mais próximo ao ouvinte e nas diversas realidades sociais. “O rádio de pilha, pendurado numa árvore, fala com o seringueiro na Amazônia, e isso não é um mito; o rádio do carro fala também com o milionário dentro do automóvel blindado, encarcerado no congestionamento da metrópole” (BUCCI, 2004, p. 8).

Outro elemento fundamental é a linguagem. O rádio é o meio utilizado para atender a todos os tipos de ouvinte, desde o analfabeto até o de maior formação acadêmica. A fala é utilizada em forma de conversa direta, simples e clara (SEPAC, 2003). Essa linguagem estabelece uma intimidade entre o comunicador e o ouvinte, numa relação interativa que aproxima quem fala de quem ouve.

O rádio é um meio muito pessoal. O locutor fala diretamente para o ouvinte. É muito importante considerar cada ouvinte como se fosse uma única pessoa. Quando você fala no rádio, você não está falando para as massas por meio de um gigantesco sistema de transmissão de mensagens. Você está falando para uma pessoa, como se estivesse conversando com ela, bebendo juntos uma xícara de café ou um copo de cerveja (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 21).

Nessa perspectiva, “o tom dialogado substitui, com vantagens, aquele velho padrão de leitura, mais frio, mais formal e mais surdo. O rádio agora conversa” (BUCCI, 2004, p. 9) e essa conversa é um fundamento importante na linguagem desse meio que, ao longo dos anos, vem se atualizando para atender aos seus ouvintes.

O rádio pode, ainda, atuar na construção da história individual do ouvinte, a partir da identificação que este terá com os diversos gêneros apresentados na programação de uma emissora. Bianchi (2004, p. 9) ressalta que:

As manifestações da presença do rádio como elemento de construção da história individual se dão de diversas maneiras. Vinculações são estabelecidas através de identificações com matrizes radiofônicas, especialmente gêneros de programas em que estão presentes o musical, o jornalístico, a publicidade, o apresentador como um elemento que exerce o papel de mediador entre os diferentes gêneros existentes em um programa [...].

E depois de refletir sobre as características do rádio, faz-se necessário abordar seu aspecto educativo que tem uma relação histórica com a constituição desse veículo de comunicação no contexto brasileiro.

1.1 O rádio educativo no Brasil

No Brasil, o rádio como instrumento de educação existe desde o início da sua história no país. A radiodifusão brasileira nasceu com a proposta de ação educativa e cultural na década de 1920. A primeira emissora, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inaugurada em abril de 1923, foi coordenada por Edgard Roquette-Pinto e pelos cientistas da Academia Brasileira de Ciências com a proposta de apresentar programas educativos e culturais. “Estavam lançadas as bases do uso massivo de uma tecnologia de comunicação como instrumento real e efetivo de cidadania e educação para muitos, num país de tantos contrastes” (BLOIS, 2004, p. 149).

Blois (2004) aponta a existência de seis fases da rádio educativa no Brasil, desde a inauguração da primeira emissora até os dias atuais. O primeiro momento é marcado com a idealização e criação das radioescolas com:

Aulas de português, francês e esperanto; de história do Brasil, geografia, física, química, história natural e higiene; cursos profissionalizantes de radiotelegrafia e de silvicultura prática e um jornal lido pelo próprio Roquette eram veiculadas pela Rádio Sociedade (BLOIS, 2004, p. 150).

Nesse período, que se estendeu até 1928, o rádio foi utilizado essencialmente para apresentar conteúdo de expressão educativa.

A segunda fase, até 1940, tem a consolidação do projeto das radioescolas e a criação das primeiras redes educativas. Foi o momento em que o governo federal, assumindo a Rádio Sociedade, criou o Serviço de Radiodifusão Educativa – SER, sob a coordenação do Ministério da Educação e Saúde – MES.

Na terceira fase se tem uma expansão da ação do rádio como instrumento educativo com a interiorização, indo além do eixo Rio-São Paulo. A Rádio Nacional desenvolve um projeto para envolver os professores leigos da maior parte do país.

Um destaque nessa fase é a participação da Igreja Católica que interioriza o rádio na região Nordeste para fins educativos, com apoio do Serviço de Assistência Rural – SAR. Segundo Blois (2004, p. 153), a iniciativa representou “um *mix* de cidadania e visão política do homem do campo”. O trabalho de assistência ao povo do campo iniciou com a atuação da Emissora de Educação Rural de Natal, no Rio Grande do Norte, em 1958. No início da década de 60, a CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – cria o Movimento de Educação de Base (MEB) e “fortalece o uso do rádio ao utilizar a rede de emissoras católicas” (BLOIS, 2004, p. 153) e as escolas radiofônicas, estendendo para outros estados do Nordeste e de outras regiões do país, tendo apoio financeiro do governo federal.

Ainda nesse período, outras iniciativas ajudaram na interiorização do rádio educativo, inclusive a instalação de rádios universitárias, ações das Secretarias Estaduais de Educação e de sociedades que iam se expandindo. Inclusive, houve o surgimento da educação profissional que também fez uso do rádio como recurso.

O Senac, pioneiro desde suas origens [...], desde os idos de 1949, com três anos de idade, manteve uma importantíssima e inovadora ação de educação profissional radiofônica, em cooperação com o Sesc (Serviço Social do Comércio) de São Paulo, denominada genericamente como “Universidade no Ar”, oferecendo cursos comerciais radiofônicos não apenas aos comerciários paulistas, mas a toda comunidade interessada, como experiência pedagógica (CORDÃO, 2004, p. 224).

A fase seguinte é marcada pelo momento político da época, no governo militar. Apesar de algumas das iniciativas anteriores continuarem funcionando, há a predominância de ações centralizadoras. É nesse período que surge o Sistema de Avaliação para Rádio Educativo. A censura também se fez muito presente.

O momento seguinte iniciou em 1979 e foi marcado “pela conjugação de meios massivos à educação e se consolida com a inauguração de FMs educativas, com a interação das emissoras em um sistema, com novos espaços se abrindo para a atuação do rádio” (BLOIS, 2004, p. 162). Foi um tempo de muitos ganhos com a realização de trabalhos de forma cooperada entre as emissoras de rádio, além das iniciativas paralelas de organizações ligadas às igrejas.

A sexta e última fase, segundo Blois (2004), começou a partir de 1995 e trouxe a ampliação das ações educativas desse meio, inclusive com as rádios comunitárias e com os espaços da *web*. É a fase atual em que o rádio acompanha o avanço da tecnologia. Pela internet, “o rádio evolui agora sem fronteiras; liberto de leis que delimitavam seu alcance geográfico, navega por novos espaços, está na rede, ganha capilaridade e adeptos” (BLOIS, 2004, p. 174).

O rádio é um veículo de comunicação sempre atual que vai se adaptando e incorporando as linguagens locais, sendo, por conta desse e de outros aspectos, um meio sempre utilizado como instrumento educativo em diversas realidades, proporcionando o diálogo entre a comunicação e a educação.

2. A COMUNICAÇÃO NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO

O caráter de interdisciplinaridade da comunicação é um aspecto que suscita inúmeros debates entre os pesquisadores da área, principalmente pelo fato de os estudos da comunicação terem iniciado a partir de diversas disciplinas.

De acordo com Braga (2001), o conceito de interdisciplinaridade pode ser observado a partir de dois principais aspectos. O primeiro seria o entendimento de que um campo de estudos é atravessado por diversos conhecimentos com informações de outras áreas. E isto, para o autor, significa que todo campo do conhecimento é interdisciplinar, considerando que nenhum existe de forma isolada. Quanto ao segundo aspecto, este diz respeito à existência de um espaço de interface, “em que um determinado âmbito de conhecimento se faz na confluência de duas ou mais disciplinas estabelecidas” (BRAGA, 2001, p. 12).

É a partir desse aspecto que será abordada a interface entre a comunicação e a educação, hoje, constituindo um novo espaço denominado *educomunicação*. Um dos pontos de referência das pesquisas nesse novo campo são os estudos do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo, os quais são tomados como base nesta abordagem.

A partir de uma pesquisa iniciada na década de 90, o NCE foi estabelecendo os estudos na constatação de que o campo da constituição das ciências, principalmente das ciências humanas, vinha sofrendo grandes transformações, levando à quebra de fronteiras, derrubada de limites. Com o trabalho, verificou-se que:

A hipótese central com a qual a pesquisa trabalhou, desde seu início, foi a de que efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de “Interrelação Comunicação/ Educação”. Tal interrelação, ou simplesmente Educomunicação, não foi tomada apenas e tão somente como uma nova disciplina, a ser acrescentada nos currículos escolares. Ao contrário, ela foi entendida como inauguradora de um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas (SOARES, s/d, p. 2).

Essa pesquisa tomou como ponto de partida o Diretório Latino-americano de Pesquisadores e Especialistas em Comunicação e Educação, formado a partir das inúmeras experiências, nos anos 80 e 90, de pessoas que atuaram na América Latina com programas e projetos na área da comunicação voltados para a educação e que socializaram suas experiências em congressos e outros eventos sobre a temática.

Este novo campo estaria materializado em quatro áreas: 1) *área da educação para a comunicação* – com base na reflexão para a formação de receptores críticos; 2) *A área da*

mediação tecnológica na educação – referente ao uso dos recursos tecnológicos nos processos educacionais; 3) *área da gestão comunicativa* – voltada para as ações motivadoras de ecossistemas comunicativos; e 4) *área da reflexão epistemológica* – com base nos estudos acadêmicos sobre a interrelação entre comunicação e educação.

Considerando a terceira área, o termo ecossistema nos remete aos aspectos abordados na biologia, sendo entendido como a relação dos seres vivos com o espaço que habitam. É constituído por dois componentes principais: a comunidade, formada pelo conjunto de seres vivos, das espécies contidas num território; e o meio físico, o que se chama de meio ambiente. Nessa relação há um processo dinâmico que gera transformações, as quais estão ligadas à estrutura e à organização desse ecossistema.

Para Sartori e Soares (2002), o ecossistema comunicativo é tão importante quanto o ecossistema ambiental, considerando a relação que também acontece entre os seres de uma comunidade, neste caso, os seres humanos, com os aspectos sociais, culturais, econômicos, além das tecnologias de informação e comunicação que envolvem um determinado território. Está relacionado a uma “trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal” (SARTORI e SOARES, 2002, p. 5).

Fazendo uma retomada das ideias de Jesús Martin-Barbero, as autoras destacam que:

O desafio é como inserir [...] um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto (SARTORI e SOARES, 2002, p. 6).

Esse ecossistema comunicativo requer uma gestão comunicacional que compreenda “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (SARTORI e SOARES, 2002, p. 6).

Por esse ângulo, falar em ecossistema comunicativo implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem ter em vista o equilíbrio e a harmonia em ambientes onde convivem diferentes interlocutores.

Sobre a conceituação de educomunicação, Machado (2007, p. 3) diz que:

é um campo complexo, com várias práticas comunicacionais que atua na formação de agentes, atores sociais, e na educação formal ou informal, na perspectiva de garantir autonomia ao indivíduo em formação. As práticas educomunicativas são espaços onde um grupo, mediado por um educador, produz a sua aprendizagem, problematizando, criando e refletindo constantemente sobre a sua produção.



Isso reforça uma perspectiva da educomunicação para além do pensamento de “escolarizar a comunicação” ou “tecnificar a educação”, mas de buscar a autonomia de homens e mulheres.

Habría que avanzar en dirección a una determinada autonomía que posibilite instituir un campo para la palabra, una palabra que libere el flujo de las representaciones y pronuncie un mundo que no se apoya en ninguna representación “dada”, sino que en un sueño común. Se trata de una autonomía imposible fuera de una política que sabe que no hay sociedad autónoma sin mujeres y hombres autónomos/os (HUERGO apud SOARES, 2009, p. 195).

Soares também destaca que este é um campo específico que atua na luta pela liberdade da palavra, por meio da atuação dos educadores. Ainda na visão do autor “lo que pretenden los educadores es el reconocimiento del valor estratégico de la lucha por la libertad de la palabra, como una utopía que se concreta en acciones efectivas en los distintos espacios educativos” (SOARES, 2009, p. 195).

Essa práxis educacional, segundo Soares, é presenciada em inúmeros projetos latino-americanos, nos quais crianças, jovens e adultos estão envolvidos cotidianamente. As raízes do diálogo entre educação e comunicação estão no processo de educação popular desenvolvido na América Latina, que resultou das diversas teorias difundidas no continente. Para Soares (2009, p. 198),

la teología de la liberación; las teorías críticas sobre educación y comunicación, como la pedagogía dialógica de Freire; los estudios críticos de la Escuela de Frankfurt y los estudios culturalistas ingleses, a los que se suman los estudios de la recepción, vinculados con la teoría de las mediaciones.

O autor defende que se precisa continuar investigando as práticas disponíveis em cada um dos países sobre a educomunicação. Ele afirma, ainda, que o que se pode observar é que algo novo ocorre na interface comunicação e educação. E esse novo pode acontecer em formas variadas, tanto nos elementos comunicativos presentes nas manifestações culturais quanto nos meios de comunicação que podem realizar ações educativas, como a que nos interessa descrever neste artigo.

3. O RÁDIO COMO RECURSO EDUCOMUNICATIVO NA AMAZÔNIA

Evidenciam-se dois projetos desenvolvidos pela Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém Ltda – a Rádio Rural. O primeiro projeto é conhecido como *Aulas Radiofônicas do MEB – Movimento de Educação de Base*, que foram desenvolvidas a partir de meados da



década de 1960 até o início dos anos 80. O segundo é o *Projeto Rádio pela Educação*, que começou em 1999 e continua até os dias atuais.

3.1 Aulas Radiofônicas do MEB

Com a ação da Igreja Católica o Brasil, na década de 1950, começou-se a gestar uma iniciativa mais sistematizada que pudesse efetivar um projeto educativo pelo rádio. Debates nesse sentido idealizaram o Movimento de Educação de Base - MEB - no Primeiro Seminário de Educação de Base realizado no segundo semestre de 1960, em Aracaju, organizado pela Rede Nacional de Emissoras Católicas – Renec.

Ainda no fim desse mesmo ano, o então presidente da Renec e arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, em nome da CNBB, enviou documento à Presidência da República no qual propunha a criação do Movimento de Educação de Base “para responder às necessidades de milhões de brasileiros, adultos e adolescentes, analfabetos” (B. COSTA et al, 1986, p. 121). A resposta do governo foi positiva e, no ano seguinte, a CNBB recebeu recursos para executar o projeto de ação do MEB através das rádios católicas.

A proposta inicial era atender à população adulta do Nordeste por meio das escolas radiofônicas. A instrução era o principal objetivo, considerando que

Os programas instrutivos merecem maior destaque na área de produção radiofônica do MEB, mesmo investindo, também, na programação cultural e informativa, tendo menor destaque os meramente recreativos. Ao rádio cabe cerca de 40% do trabalho, ficando os restantes 60% à atuação direta desenvolvida com as comunidades (MEB, 1982, apud BLOIS, 2004, 154).

Nas ações do MEB, optou-se por adotar a nomenclatura de Sistema de Educação de Base, considerada com maior significação que Sistema Rádio-Educativo, apesar de esta última ter ficado mais popular.

No início do programa do MEB no Brasil, em 1961, eram dez emissoras que atuavam no Sistema Rádio-Educativo. No ano de 1965 já eram vinte e nove. Quanto ao número de alunos que concluíram as etapas das aulas radiofônicas, em 1961 foram 38 mil 734 e em 1965 foram 61 mil 409 (B. COSTA et al, 1986, p. 124).

A expansão da iniciativa no Nordeste chamou atenção de bispos de outras regiões do país. Um deles foi Dom Tiago Ryan, de Santarém no Estado do Pará. Ele fundou a Rádio Rural com o objetivo de instalar escolas radiofônicas “para alfabetizar, educar, elevando o nível cultural do povo, inclusive difundir programas de caráter oficial, especialmente dos Ministérios de Educação e Cultura, da Agricultura” (RÁDIO RURAL, 2001, p. 1).

A emissora foi criada com o propósito de atender, principalmente, a população rural. A programação das aulas radiofônicas começou em 1965 com o funcionamento de trinta e duas escolas.

Começava-se assim o mais audacioso trabalho de alfabetização pelo rádio, que, em 1985, quando o projeto a nível nacional foi desativado, o Sistema Rádio Educativo de Santarém havia atingido 318 comunidades em toda região do Baixo e Médio Amazonas, com suas 320 escolas, assistidas pelos seus 320 monitores, servindo a 2000 alunos adultos em alfabetização e 4.000 em séries subsequentes (RÁDIO RURAL, 2001, p.6).

As aulas radiofônicas iam ao ar das 19h00 às 20h00, depois da Voz do Brasil. O projeto também apresentava, aos finais de semana, dois programas de caráter popular:

No sábado, ‘Nossa Terra, Nossa Gente’, com assuntos culturais e apresentação de shows musicais com grupos que vinham das comunidades; e no Domingo ‘Uma Hora Para Todos’, que relatava atividades comunitárias, oferecia músicas, orientações, avisos, convites, e tratava um tema específico de interesse das comunidades (RÁDIO RURAL, 2001, p. 4).

Uma das principais contribuições das aulas radiofônicas do MEB, de acordo com o histórico da Rádio Rural, foi o fato de a educação passar a ser uma necessidade reconhecida pelos moradores das comunidades rurais que, a partir de então, buscavam a escolaridade nos níveis posteriores à alfabetização.

A fase das aulas pelo rádio perdurou até meados da década de 1980, quando o MEB fechou as escolas radiofônicas, deixando o espaço para as ações do Estado e de outros projetos na área educacional.

3.2 Projeto Rádio pela Educação

O Rádio pela Educação (PRPE) surgiu no ano de 1999. Inspirado na iniciativa anterior, o novo projeto trouxe reformulação da proposta desenvolvida com as aulas radiofônicas do MEB. Entre as diferenças principais estão: o fato de a primeira iniciativa ser voltada para o processo de alfabetização de jovens e adultos, enquanto a segunda envolve crianças e adolescentes do ensino fundamental, depois do processo de alfabetização; e o formato do programa de rádio. Diferente da atuação do MEB, o Rádio pela Educação não apresenta aulas radiofônicas. Sua mobilização é feita a partir de um programa educativo denominado *Para Ouvir e Aprender*, além de outra ação mais recente que é o *Rádio nas Escolas*, que incentiva a instalação de rádios internas nas escolas de ensino fundamental. O PRPE apresenta o objetivo de:



Contribuir com a qualidade da educação no ensino fundamental em municípios da Amazônia, a partir de processos de *educomunicação*, fomentados pela mídia rádio que primam pela valorização dos direitos da criança e do adolescente, pela dinamização do trabalho do professor/a e pelo desenvolvimento do senso crítico nas comunidades escolares envolvidas (RÁDIO PELA EDUCAÇÃO, 2008, p. 6).

O projeto é desenvolvido pela Rádio Rural junto a escolas da Rede Municipal de Educação de Santarém, através de um termo de cooperação assinado entre a Diocese, mantenedora da emissora, e a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Educação. Envolve alunos do ensino básico, do 2º ao 5º ano (1ª a 4ª séries) com o programa de rádio *Para Ouvir e Aprender* e alunos do 6º ao 9º ano (5ª a 8ª séries) com a ação do *Rádio nas Escolas*, em execução a partir de 2008.

De acordo com o Guia Pedagógico do PRPE (2008, p. 164), o “Rádio pela Educação nasceu da ideia de utilizar o rádio como um recurso pedagógico multi, trans e interdisciplinar na sala de aula [...]” envolvendo professores e alunos de turmas regulares e de turmas multisseriadas³. Sobre o programa de rádio *Para Ouvir e Aprender*, que é o principal instrumento de mobilização do PRPE, este

é veiculado pela Rádio Rural às segundas, quartas e sextas-feiras, nos horários de 7h30 às 8h e de 14h05 às 14h35. Durante trinta minutos o programa leva para a sala de aula 14 sessões alternadas, que contemplam a realidade da Amazônia, a voz das crianças e adolescentes, professores/as e comunitários/as, das zonas urbana e rural, e temas ligados à defesa dos direitos das crianças, meio ambiente e outros (RÁDIO PELA EDUCAÇÃO, 2008, p. 9).

Na hora do programa, alunos e professores param a aula para ouvir o rádio. Em algumas escolas há sistemas de sonorização (caixinhas de som espalhadas nas aulas de aula), mas em outras, principalmente na zona rural, o recurso tecnológico pode ser um receptor a pilha ou mesmo a corda, caso não haja energia elétrica.

Durante a semana, de forma alternada, o programa apresenta as seguintes sessões ou quadros: 1) Sonho do aluno; 2) Sessão de Leitura; 3) Correio do aluno; 4) Correio do Professor; 5) Busca Ativa; 6) Entrevista com o professor; 7) Entrevista com o aluno; 8) Jornal Informativo; 9) Reportagem Especial; 10) Rede de Repórteres; 11) Radionovela; 12) Sessão Debate; 13) Sessão com especialista; 14) Sessão Pedagógica, que são produzidos a partir de pesquisas nas escolas/comunidades e na internet, em conversas com especialistas que possam falar de temas específicos, com as cartas enviadas por alunos e professores, e com base no

³ A realidade da Amazônia apresenta muitas turmas do ensino básico com formatação multisseriadas, ou seja, em uma mesma sala de aula estudam alunos de várias séries (em geral, de 1ª a 4ª), principalmente em pequenas escolas de comunidades da zona rural. Um único professor trabalha, ao mesmo tempo, com todos os alunos que estão em etapas diferentes do ensino.



Guia Pedagógico⁴ que contém os gêneros textuais que são trabalhados nas sessões pedagógicas do programa.

Segundo dados do relatório de 2000, um ano após a criação do PRPE, o Rádio pela Educação envolvia em Santarém “301 escolas distribuídas nas áreas urbana e rural com cerca de 25 mil alunos e 900 professores. Em Belterra cerca de 3.000 alunos e mais de 100 professores em 52 escolas distribuídas nas áreas urbana e rural” (RÁDIO PELA EDUCAÇÃO, 2000, p. 3). O documento ainda diz que “além de alunos e professores da rede municipal do ensino fundamental de primeira a quarta série de Santarém e Belterra, o projeto envolve toda a comunidade [...]” (idem).

Os números atuais, com base no relatório de 2010, apontam que o PRPE envolve 9 mil 651 alunos e 505 professores de 57 escolas da Rede Municipal apenas no município de Santarém, sendo 12 situadas na zona urbana e 45 na zona rural. Esses alunos e professores fazem parte do nível escolar do 2º ao 9º ano (1ª a 8ª série) e participam das atividades com o programa de rádio Para Ouvir e Aprender e com a ação do Rádio nas Escolas.

Esta última ação consiste na motivação do PRPE, e ainda na disponibilização de recursos materiais, para criar rádios escolares constituídas de um estúdio improvisado - com microfone, CD play ou mesmo um computador com programas de áudio - e caixas acústicas nas salas de aula. Até o final de 2010, dezenove escolas criaram rádios internas. Além da instalação de equipamentos, professores e alunos recebem capacitação para produzirem pequenos programas radiofônicos com temas variados de interesse da comunidade escolar. O funcionamento de cada rádio escolar depende das direções das unidades de ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas pela Rádio Rural de Santarém convergem para as reflexões apontadas nas pesquisas atuais sobre a interface comunicação e educação que sinalizam o surgimento de “algo novo” no quadro comunicacional, assim como no espaço educacional. E nesse caso, o rádio surge como um instrumento fundamental no processo de construção de ecossistemas comunicativos propostos nas dimensões da educomunicação.

⁴ O Guia Pedagógico é uma espécie de cartilha, manual do professor, que contém os textos e músicas veiculados na sessão pedagógica do programa Para Ouvir e Aprender. O Guia, produzido pela equipe do projeto, também apresenta sugestões de atividades didático-pedagógicas para se desenvolver com os alunos após a audição do programa de rádio.



Considerando as próprias características interativas desse veículo, verifica-se sua adaptação aos dois momentos vislumbrados neste artigo - as Aulas Radiofônicas do MEB, com a alfabetização de jovens e adultos, e o Projeto Rádio pela Educação, propondo contribuição à qualidade da educação no ensino fundamental de crianças e adolescentes. E essa adaptação se tornou necessária pelo trabalho com públicos diferenciados, além do próprio contexto social das épocas de desenvolvimento das ações.

No contexto amazônico, e em especial no município de Santarém, o rádio foi tomado como um meio essencial no processo educacional nas últimas décadas. Sua presença é cada vez mais constante no ambiente escolar motivando, inclusive, a constituição de rádios criadas nas próprias escolas possibilitando um espaço diferenciado para interação entre alunos, professores e demais membros da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- B. COSTA, Maria Aída; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. **MEB: uma história de muitos** – Cadernos de Educação Popular 10. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BIANCHI, Graziela Soares. **A Participação do Rádio nas Construções e Sentidos do Rural Vivido e Midiatizado** (2004). Disponível em <http://www.bocc.uff.br/_listas/tematica.php?codtema=52>. Acesso em 15 de setembro de 2009.
- BRAGA, José L. Constituição do Campo a Comunicação. In: **Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas**. FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José L. A.; PORTO, Sérgio D. (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2001, p. 11-39.
- BLOIS, Marlene M. Rádio Educativo: uma escola de vida e de cidadania. In: **Rádio Sintonia do Futuro**. André Barbosa, Angelo Pivesan e Rosana Beneton (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2004, p. 147-176.
- BUCCI, Eugênio. Os sentidos do Rádio. In: **Rádio Sintonia do Futuro**. André Barbosa Filho; Angelo Piovesan e Rosana Beneton (orgs). São Paulo: Paulinas, 2004, p. 7-10.
- CHANTLER Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. Tradução e consultoria técnica Laurindo Lalo Leal Filho. São Paulo: Summus, 1998.
- CORDÃO, Francisco A. A educação profissional no Brasil. In: **Rádio Sintonia do Futuro**. André Barbosa, Angelo Pivesan e Rosana Beneton (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2004, p. 223-236.
- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Anais do X Compôs**, Brasília-DF, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/>. Acesso em agosto de 2010.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- Guia Pedagógico do Professor Vol. 08/Projeto Rádio pela Educação/ Programa Para Ouvir e Aprender – Santarém: Gráfica e Editora Tiagão, 2008.



JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Eliany Salvatierra Machado. **Educomunicação transforma escola em pólo de reflexão e diálogo**. Entrevista concedida a Renata Olivieri. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/202.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2010.

MARTINO, L.C. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudos da Comunicação. In: **Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas**. FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José L. A.; PORTO, Sérgio D. (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2001, p. 77-87.

RÁDIO PELA EDUCAÇÃO. Relatório de atividades. Santarém, 2000.

_____. Fortalecimento do “Para Ouvir e Aprender” e criação de rádios internas em escolas municipais do Baixo Amazonas – 2008.

_____. Relatório de atividades. Santarém, 2009.

RÁDIO RURAL DE SANTARÉM. Histórico, 2001.

SARTORI, Ademilde; SOARES, Maria Salete. **Concepção Dialógica e as NTIC: A Educomunicação e os Ecossistemas Comunicativos**. 2002. Disponível em www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf. Acesso em 2 de junho de 2009.

SEPAC – Serviço de Pastoral de Comunicação. **Rádio: a arte de falar e ouvir**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SOARES, Ismar. **Caminos de la educomunicación: utopías, confrontaciones, reconocimientos**. Revista Nómadas – Univesidade Central da Colômbia. N 30. Abril: 2009, p. 194-207. Disponível em <http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/26-30/30/30.14D%20Caminos%20de%20la%20educomunicacion.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2010.

_____. **Comunicação/Educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Encontrado em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>, s/d. Acesso em 23 de novembro de 2010.